

GRUPO CORPO



(estreia 2000)

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

música: **Arnaldo Antunes**

cenografia: **Paulo Pederneiras**

figurino: **Freusa Zechmeister e Fernando Velloso**

iluminação: **Paulo Pederneiras**

(Duração: 42 minutos)

Mão Pé Mão Pé Pé Mão Mão Pé
Mão Pé Mão Pé Mão Pé Mão Pé Mão Pé

A voz corpórea e tonitruante de Arnaldo Antunes é a primeira densidão a penetrar o oco vestal do teatro às escuras.

Mão Pé Mão Pé Mão Pé Mão Pé Mão Pé Mão Pé Mão

Uma luz vermelho-sangue tinge o palco em resistência, revelando sobre o linóleo também escarlate formas vagamente humanas, talvez fetais, que se movem ao redor de si mesmas.

Perna Braço Perna Braço Perna Braço Perna Braço Perna Braço
Umbigo Umbigo Umbigo Umbigo Umbigo

Pouco a pouco, a dissecação verbal da anatomia humana vai despindo de significado as palavras e imprimindo-lhes uma dicção puramente rítmica. Já verticalizados, os corpos dos dezenove bailarinos do GRUPO CORPO riscam em todas as direções o espaço cênico, materializando (ou corporificando) tempos, contratempos, timbres, tons, sons, frases melódicas.

Substantivo que dá nome à companhia mineira de dança e matéria-prima inalienável à arte que ela expressa e representa, o corpo, “esse composto de ossos carne sangue órgãos músculos nervos unhas e pelos”, serve de inspiração sonora e semântica à trilha especialmente composta por Arnaldo Antunes para o balé que marcou a celebração dos 25 anos de existência do GRUPO CORPO. O mote teve a adesão unânime e incontestado do núcleo de criação da companhia, formado por Rodrigo e Paulo Pederneiras, Fernando Velloso e Freusa Zechmeister. Vigésima nona coreografia levada à cena pelo grupo desde a sua fundação em 1975 e vigésima sexta assinada por Rodrigo Pederneiras, ***O Corpo*** exibiu sua forma final pela primeira vez no Teatro Alfa, São Paulo, em 9 de agosto de 2000.

me ame
me ate
me tema
me mate
me mame
me meta
metade

Ícone da cultura pop brasileira, poeta, músico, performer, videomaker, “nem brasileiro nem estrangeiro”, o ex-titã Arnaldo Antunes é o que é: inclassificável. Sem aceitar rótulos ou fronteiras, gosta de transitar por diferentes linguagens, prega a multidiversidade e a miscigenação estética, e conduz a(s) sua(s) arte(s) como um cultivador (e sementeiro) de *tudos* – neologismo que dá título a um de seus livros. O eixo de seu trabalho, no entanto, segundo ele próprio admite, é a palavra. Mas a palavra, bem entendido, como vetor para o diálogo com outros códigos. Com cinco livros de poesia publicados, onde a palavra amplia ou multiplica sua carga de significados ao assumir uma feição visual, gráfica, imagética, numa edição pós-moderna da poesia concreta, Arnaldo Antunes recebeu com um misto de entusiasmo e apreensão o convite dos irmãos Pederneiras para criar a trilha original do novo espetáculo do GRUPO CORPO. Felizmente, o fascínio pela oportunidade de tanger uma nova linguagem foi maior que o temor de não acertar. Com carta branca para desenvolver o seu trabalho, sem rigorosamente nenhuma indicação lhe servisse de bússola, o bardo paulista

sentiu necessidade de eleger um mote, um motivo que norteasse sua criação. E apropriou-se do nome do grupo.

Sobre quatro poemas especialmente criados, outros dois extraídos de livros seus (*Psia*, de 1986, e *As Coisas*, de 1992) e um fragmento de *Alice Através do Espelho*, de Lewis Carroll, em tradução de Sebastião Uchôa Leite (“Quando eu digo uma palavra, ela significa exatamente aquilo que eu quero que ela signifique. Nem mais, nem menos.”), Arnaldo Antunes construiu a intrincada teia de palavras, sons, ritmos e canções que compõem música original de *O Corpo*. Entre gravação, edição e mixagem, os 42 minutos de trilha consumiram três meses de trabalho no estúdio do autor em São Paulo – o Rosa Celeste. Na busca de uma tradução musical, sonora e semântica para o corpo (como organismo e como engrenagem, mecanismo), o compositor e intérprete de *Um Som* promove a cumplicidade entre o primitivo e o tecnológico, numa reafirmação da visão oswaldiana de que o homem natural é a tese, o homem civilizado, a antítese, e o homem natural tecnizado, a síntese. E, em nome dessa síntese, lança mão de um arsenal de instrumentos acústicos, elétricos e eletrônicos, onde ruídos orgânicos (grunhidos, gritos, arfares, roncar de barriga, roçar de pele, salivações, sangue bombeado nas veias, cabelos batendo etc) fundem-se (e confundem-se) com o som de guitarras (Edgard Scandurra), violões (Paulo Tatit e Alê Siqueira), baixo (Paulo Tatit), teclados (Zaba Moreau), percussão (Guilherme Kastrop) e da voz humana, explorada tanto em seu potencial melódico quanto rítmico (Arnaldo, Saadet Türkoz e Mônica Salmaso).

Concebida como uma grande peça sinfônica de oito movimentos que, amalgamados, se entrelaçam de maneira quase imperceptível, a primeira incursão do ídolo pop pelo universo da dança contemporânea faz referências ao rock, ao baião, ao funk, ao techno, à marcha, à balada, ao reggae, ao samba de roda, à música árabe e à música indígena, sem, no entanto, caber ou encaixar-se em nenhuma dessas classificações. A manipulação de samplers (Chico Neves) na recriação de sons e sílabas e um trabalho definido por seu principal artífice como de “corte e costura” na edição de todo o material registrado em estúdio (Arnaldo Antunes e Alê Siqueira) têm importante papel na identidade sonora da trilha. Lançada em CD, a experiência de Arnaldo Antunes e seus sequazes, como as demais trilhas do CORPO, está disponibilizada para venda onde e quando o grupo estiver se apresentando.

O corpo existe e pode ser pego.
É suficientemente opaco para que se possa vê-lo.
Se ficar olhando você pode ver crescer o cabelo.

Por ser a dança nada mais que a música incorporada, os cérebros do CORPO procuraram Arnaldo Antunes. Mergulhado desde 1992 em um universo musical de contornos regionais interioranos, com inevitáveis referências à sensualidade das danças populares nativas (a exceção fica por conta de *Bach*), o coreógrafo Rodrigo Pederneiras procurava uma sonoridade que lhe pudesse estimular outras possibilidades de movimento. Queria o ruído de aço das britadeiras, a asfixia do dióxido de carbono, a luminosidade fria do neon. Arnaldo foi além. Congregou tribo e urbe, tambor e sampler, samba de roda e hip hop. E o que antes era sinuosidade pôde se transformar em aguda angularidade, aresta. Renunciando à própria fluência vocabular, Rodrigo foi buscar um fazer mais seco, maciço. Com o corpo de baile

